

TEATRO ■ Zé Celso e Renata Sorrah se encontram em 'Quando despertamos de entre os mortos'

Ibsen e o papel da obra de arte fecham evento no Sesc

Rachel Almeida

Quando José Celso Martinez Corrêa, diretor do Teatro Oficina, recebeu o convite para dirigir uma das leituras dramatizadas do Festival Centenário Ibsen, que começou em São Paulo e chegou ao Rio este mês, não titubeou: escolheu a peça *Quando despertamos de entre os mortos*, que fecha o evento hoje, no Espaço Sesc, em Copacabana, a partir das 20h. Zé Celso, que além de dirigir interpreta o protagonista do espetáculo, elege a obra como uma das melhores da dramaturgia do autor do clássico *Casa das bonecas*, conhecido por um trabalho que prega a liberdade do indivíduo e o leva à reflexão sobre seus direitos.

– Eu adoro esta peça – raticou Zé Celso, que, pela primeira vez, estará em cena com Renata Sorrah. – Ibsen escreveu-a para os artistas, já que ela fala sobre o papel da obra de arte e sobre seu poder material e político. Diante das crises no governo, na economia e na religião, é fundamental ter em mente esse poder.

Último texto escrito por Ibsen sete anos antes de sua morte, em 23 de maio de 1906, *Quando despertamos de entre os mortos* conta a história de Arnold Rubek, um célebre escultor que, por dez anos, teve como modelo uma mulher, Irene, que se apaixonou por ele. Um relacionamento amoroso entre os dois não acontece, ela vai embora e o artista acaba se casando com uma moça bem mais jovem. Anos mais tarde, os dois se reencontram. A atriz Renata Sorrah interpreta Irene, realizando o desejo antigo de trabalhar com Zé Celso:

– Trabalhamos no filme *Árido movie (em cartaz na cidade)*, mas não contracenamos. E, desde que eu assisti a *Rei da vela (montagem histórica de Zé Celso nos anos 60)*, sou apaixonada pelo trabalho dele. Essa maneira que ele tem de fugir das convenções sempre me atraiu.

A escolha do texto também entusiasmou a atriz.

– A peça é uma delícia – comenta Renata. – Fiz uma leitura há mais de 20 anos com (os atores e diretores já mortos) Rubens Corrêa e Ivan de Al-



DIVULGAÇÃO



FERNANDO RABELLO - 01/10/1998

Zé Celso (acima) e Renata Sorrah: peça preferida de ambos

buquerque, mas nem me lembrava do texto. É uma obra que fala de amor, de paixão, de dedicar sua vida a alguma coisa. Ser cego ou não em sua existência.

Além de Zé Celso e Renata Sorrah, estão no elenco o ator Haroldo Ferrari e a atriz Tânia Pires – também idealizadora do festival.

– Esta é uma peça mais simbolista da dramaturgia de Ibsen e é minha preferida – analisa a atriz. – A partir da realização deste festival, pude levar a um público de São Paulo e do Rio peças menos conhecidas do autor. Tivemos o teatro lotado. Rendeu frutos para os diretores também. O Sérgio Ferrara, por exemplo, que dirigiu *Um inimigo do povo* em São Paulo, vai montar o texto no segundo semestre.

Tânia Pires está satisfeita com o resultado do festival e também com a temporada paralela do espetáculo *O pequeno Eyolf*, cotado para participar do festival Centenário Ibsen na Noruega, que acontece em Oslo, em agosto. O estudioso Helge Rønning, do comitê do projeto norueguês, veio ao Brasil assistir à montagem e mandou um relatório positivo sobre a montagem. A resposta deve ser mandada em breve.

Antes da leitura de *Quando despertamos de entre os mortos*, haverá um recital com peças do compositor norueguês Edvard Grieg feitas em *Peer Gynt*, uma das mais importantes na obra de Ibsen, com os músicos Flávio Santos (violino) e Leonardo Hilsdorf (piano). Trechos do texto serão interpretados por Zé Celso.